

PODER E REPRESENTAÇÕES: A IMPORTÂNCIA DO BANQUETE NA ROMA ANTIGA

Mariana da Rosa Medeiros¹

Resumo: Os banquetes eram elementos centrais na formação identitária e social na Roma antiga. Através de suas representações é possível não só observar elementos constitutivos deste espaço, como utensílios e decoração, mas também identificar uma hierarquia social e suas demonstrações de poder.

Palavras-chave: Banquete; Poder; Roma Antiga; Representações; Alimentação

POWER AND REPRESENTATIONS: THE SIGNIFICANCE OF THE FEAST IN THE ANCIENT ROME

Abstract: The feasts were important elements in the social and identity formations of Rome. Through its representations it is possible to observe not only the elements that constitute this space, like utensils and decorations, but also a social hierarchy and its demonstrations of power.

Key words: Feast; Power; Ancient Rome; Representations; Alimentation

A religião romana, como as demais religiões, está relacionada e diz respeito à sociedade e à manutenção da ordem social. Seus rituais possuem programas complexos e articulados, sendo o banquete uma de suas manifestações mais importantes na Antiguidade. A alimentação, mais do que uma questão fisiológica, constitui um ato social, marcado por princípios culturais. Comer, beber e sacrificar em grupo é estabelecer relações, que organizam a sociedade e instituem o lugar de cada um de seus membros (DETIENNE; VERNANT, 1979).

Cícero definiu etimologicamente o banquete romano quando fez Catão, o Velho, sua personagem principal em **De senectute**, exaltar os romanos dos primeiros tempos por escolherem o termo *convivium* (literalmente: ‘viver juntos’) para designar o momento em que amigos e concidadãos se reúnem para comer e beber. Com efeito, o termo significa uma comunhão de vida, em detrimento dos de origem grega, isto é, *symposion* (= ‘comer juntos’) e *syndeipnon* (= ‘beber juntos’) (CIC. **Sen.** 13.45). Tais escolhas demonstram o papel central dos banquetes na formação da identidade e no fortalecimento dos laços sociais e políticos.

O *convivium* ritualizava a ação quotidiana de comer e beber, e muito da atividade religiosa na cidade de Roma incluía o banquete público, no qual sacerdotes e

¹ Estudante de Graduação em História na UNIRIO; Comissária Administrativa da Liga Acadêmica de Estudantes de Graduação em História Antiga da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (LAEGHA); Atualmente possui Bolsa de Iniciação Científica (IC) na UNIRIO e desenvolve o estudo “Comer e beber com Cícero: banquetes, festas e religião na Roma tardo-republicana”, sob a orientação da Prof^a Dr^a Claudia Beltrão da Rosa.

magistrados banquetevam em nome do povo romano. A prática do *convivium* também estava presente nos cultos familiares, que ocorriam nas *domus* e *villae* das grandes famílias romanas. Nesse caso, os banquetes previam, em seu programa, cantos, danças e breves performances cênicas, enquanto aqueles dos cidadãos comuns ocupavam os espaços de seus colégios profissionais e associações de bairros (*sodalitates*) (ZORZETTI, 1990; HABINEK, 2005), com mais ou menos luxo, de acordo com suas posses. Apesar do ambiente do banquete ser marcado por atitudes e comportamentos direcionados para a obtenção do estado de prazer e bem-estar em grupo, havia códigos de coerção corporal e verbal (MENDES, 2017). Essas ‘regras’ formais eram encaradas como práticas tradicionais e até mesmo religiosas, regulando o comportamento dos participantes.

Os banquetes também eram utilizados como espaço de demonstração de poder e riquezas, auxiliando na reafirmação da hierarquia social. Desta forma, importava também quem eram os convidados. A aristocracia oferecia banquetes públicos com a intenção não só de reforçar laços de amizade, como de promover contatos sociais e políticos, e, principalmente, reforçar seu status através da demonstração de suas riquezas. Essas demonstrações se davam através do tipo de comida servida, no ‘como’ esta era preparada e disposta, além da decoração do espaço. O banquete também era um importante meio de fortalecimento das relações entre patronos e clientes. (ANDRADE, 2017)

As representações de banquetes na Antiguidade são diversas: desde utensílios utilizados durante o mesmo, como a cratera², até itens decorativos, como este afresco achado na antiga cidade de Pompéia (Figura 1):

² Um tipo de vaso utilizado para a mistura do vinho. Em Roma o vinho era diluído diretamente na taça do indivíduo (ANDRADE, 2017: 175).



Figura 1: Afresco originário de Pompeia (V, 2, 4) atualmente no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles (inv. nr. 120029). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pompeii_family_feast_painting_Naples.jpg. Acesso em: 19/12/2018.

Pompeia foi anexada oficialmente à República Romana em 89 AEC. Todavia, antes disso, desde o século IV AEC, já mantinha relações próximas com Roma, sendo sua aliada. A cidade foi soterrada em 79 DEC devido à erupção do Monte Vesúvio e, graças ao estado de conservação em que permaneceu, é possível termos uma ideia de como era a vida nela. Por exemplo, conhecemos os elementos que constituíam a alimentação do local, que era sazonal. A população consumia, em geral, pão, pêssegos, nozes, azeite e peixe. A dieta mediterrânea consistia basicamente de cereais, vinho e azeite (CANDIDO, 2017, 31). O afresco em questão foi um dos itens preservados e atualmente se encontra no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. Na imagem podemos identificar alguns elementos, como a presença de escravos: à esquerda, um que limpa a sandália de um homem com uma túnica vermelha, e outro que oferece a bebida. A túnica vermelha indica que esta pessoa era um cidadão romano, o que, por si só, já era uma distinção social. Também é notável a toalha de mesa dourada.

Segundo Paul Zanker (1994), cada cultura, em seu tempo e espaço, desenvolve maneiras próprias de se expressar, através das quais configura seus ritos, valores e formas de vida social. Neste caso, o afresco é uma forma de expressão do rito do banquete, mas também transmite determinadas informações através de um ‘código’ social pré-estabelecido. É necessário refletir sobre o objetivo por trás da produção desta imagem: o que estava sendo representado? Qual a mensagem que tal representação passa? E, finalmente, para quem esta imagem é direcionada? Podemos observar o afresco como uma forma de demonstração do status do anfitrião, ou até mesmo de sua prosperidade, constituindo mais um elemento de formação do banquete que contribui para a criação deste ambiente, cercado de práticas e significados.

Desta forma, é possível conceber o banquete como um espaço de comunhão, mas também de segregação, visto que, ao estabelecer a posição que ocupa cada um de seus participantes, o pertencimento ou não a um determinado grupo é igualmente definido. Também podemos perceber que o local, decoração e utensílios eram de extrema importância. Todos os elementos eram fundamentais e contribuía, a sua maneira, para a criação da atmosfera que envolvia este momento. Fica assim manifesto que os banquetes eram um elemento central na organização social em Roma, estando presente não só na vida pública, mas também na privada. Os banquetes rituais romanos eram um instrumento de interseção entre esses dois mundos e um importante meio de comunicação e de demonstração de poder.

Documentação:

CÍCERO. **De Senectute. De Amicitia. De Divinatione.** With An English Translation. William Armistead Falconer. Cambridge. Harvard University Press; Cambridge, Mass., London, England. 1923. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2007.01.0038%3Aaction%3D1>. Acesso em: 19/12/2018.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, J. B. O espaço do banquete na *uilla* romana tardo-antiga. In: _____. SILVA, G. V.; SILVA, É. C. M.; NETO, B. M. L. (Org.). **Espaços do Sangrado na Cidade Antiga**. Vitória: GM Editora, 2017, p.172-184.

CANDIDO, M. R. Os gregos, o banquete e a arte da boa mesa. In: SILVA, G. V.; SILVA, É. C. M.; NETO, B. M. L. (Org.). **Espaços do Sangrado na Cidade Antiga**. Vitória: GM Editora, 2017, p.28-36.

DETIENNE, M.; VERNANT, J.-P. **La cuisine du sacrifice en pays grec**. Avec les contributions de J.-L. Durand, S. Georgoudi, F. Hartog et J. Svenbro. Paris: Gallimard, 1979.

HABINEK, T. **The World of Roman Song: From Ritualized Speech to Social Order**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2005.

MENDES, N. M. Os Banquetes como discursos de Romanização. In: SILVA, G. V.; SILVA, É. C. M.; NETO, B. M. L. (Org.). **Espaços do Sangrado na Cidade Antiga**. Vitória: GM Editora, 2017, p.76-85.

ZANKER, P. Nouvelles orientations de la recherche en iconographie: Commanditaires et spectateurs. **Revue archéologique** (Nouvelle Série). n. 2, p. 281-293, 1994.

ZORZETTI, N. The *carmina convivalia*. In: MURRAY, O. (Ed.) **Sympotica: a Symposium on the Symposium**. Oxford University Press, 1990, p. 08-320.